

**ingresso** UFSM  
**2024**

# PEG

**Programa Especial de Graduação**  
de Formação de Professores para  
a Educação Profissional

**2024/2**

**PROVA DE REDAÇÃO**



**UFSM**  
**DAQUI** PARA O  
**MUNDO**  
*venha viver esta experiência.*

## Leia os textos que seguem:

(...) “We can do it” (em português, “Somos Capazes”) é o título de um cartaz de propaganda produzida durante a Segunda Guerra Mundial (1935-1945) para convocar as mulheres a trabalhar nas fábricas de material bélico nos Estados Unidos (...)

Nos anos 1940, “can do” (“podemos fazer”) produzia sentidos ligados à capacidade das mulheres para o trabalho “masculino”. Contudo, quando volta em 1980, o fato de as mulheres enunciarem “can do” (“podemos fazer”) significa a possibilidade de ter direitos iguais dos homens. (...)

A expressão “We can do it” (“Somos capazes ou, literalmente, “Nós podemos fazer isso”), com destaque para o verbo “poder” (“can”), passa a produzir sentidos de possibilidade de autonomia feminina – o que promove ruptura no arquivo da época, nas regras que definem o que a mulher pode dizer, ser e fazer. (...)

Fonte: GONZAGA, J. de A. *We can do it: Discursos sobre a força da mulher nas movências da História. Linguagem em (Dis)curso*, v. 21, n. 1, p. 95-115. (Adaptado)



Fonte: MILLER, J. H. *We Can Do It!*, 1942. National Museum of American History. Disponível em: <[https://americanhistory.si.edu/collections/nmah\\_538122](https://americanhistory.si.edu/collections/nmah_538122)>. Acesso em: 07 ago. 2024.

## A Evolução dos Direitos das Mulheres

A luta por igualdade de gênero passa por uma evolução lenta, mas gradual. A mulher, durante toda a história, foi tratada de forma preconceituosa, no entanto, é notório o caráter evolutivo da temática em nosso constitucionalismo. Para que as palavras se concretizem, é imprescindível conhecermos a trajetória traçada ao longo do tempo.

Na Constituição de 1824, sequer se cogitava a participação da mulher na sociedade, a única referência era especificamente da família real. Na Constituição da República (1889), somente era citada quando se referia à filiação ilegítima, mostrando a (des)importância da figura feminina, que só interessava quando repercutia na esfera patrimonial. No início do século XIX, mulheres começaram a se organizar para exigir espaço na área da educação e do trabalho. Em 1898, Myrtes de Campos se torna a primeira advogada do país. Enquanto isso, muitas mulheres trabalhavam em condições desumanas, o que reforçou mobilização por condições dignas de trabalho e de segurança. Em 1880, a dentista Isabel Dillon evocou na Justiça a aplicação da Lei Saraiva, que garantia ao detentor de títulos o direito de votar. Em 1894, foi promulgado em Santos (SP) o direito ao voto, mas a norma foi derrubada no ano seguinte, e só em 1905 três mulheres votaram em Minas Gerais. Em 1917, as mulheres passam a ser admitidas nos serviço público.

(...)

Após mais de cem anos de constitucionalismo, homem e mulher são colocados em pé de igualdade na definição de cidadania no texto constitucional de 1934. A mulher passa a ter direitos políticos, o “desquite” é legalizado. Embora fosse uma grande conquista no papel, não o era ainda na sociedade. Apesar dos avanços, era preciso uma igualdade constitucional para atender as necessidades específicas. Assim, conquista-se o primeiro tratamento diferencial, a licença-maternidade. O texto foi um marco fundamental na luta pela igualdade de gênero, entretanto, em 1934, o casamento voltou a ser indissolúvel, o que significou um retrocesso.

(...)

A Carta Magna de 1988 menciona a igualdade perante a lei e reafirma a igualdade de direitos e obrigações de homens e mulheres. Licenças maternidade e paternidade, proibição de diferenças salariais, proteção no trabalho, estabilidade à gestante, desequiparação na aposentadoria são constitucionalizados como garantias fundamentais. Na família, união estável, isonomia conjugal, divórcio, princípio da paternidade responsável e proteções no ambiente familiar de toda e qualquer forma de violência. Nota-se que a “História das mulheres” não é apenas delas é a história da família, da criança, e está diretamente ligada à história dos homens e das relações de poder estabelecidas ao longo dos tempos.

(...)

Fonte: MARINELA, F. A evolução dos direitos das mulheres. *Revista Estado de Direito*. Porto Alegre. n. 48, X. 2015. p. 8. Disponível em: <[https://issuu.com/carmelagrune8/docs/48\\_ed/3](https://issuu.com/carmelagrune8/docs/48_ed/3)>. Acesso em: 15 jul. 2024. (Adaptado)

## O empoderamento feminino e o seu vilão inverso

Desde que o mundo é mundo, sabe-se que a mulher e o homem não possuem, e talvez estejam longe de possuir, o mesmo espaço na sociedade. Dentro do conceito masculino, o papel da mulher é na cozinha ou em espaço restrito no mundo real. Com o decorrer do tempo, foi-se difundindo a ideia de que a mulher poderia (até) ocupar um espaço mais relevante, desde que não fosse o mesmo ou se fosse, com certas limitações.

(...)

Atualmente, para se combater esse ataque masculino que virou moda social, criou-se a figura do “empoderamento feminino”. Mas, o que é empoderar alguém de modo efetivo? Simples: dar-lhe poder; mas nunca coragem! Coragem ou você nasce com ela ou não se tem e acovarda-se diante das situações da vida. E depois de empoderada, o que uma mulher pode fazer em seu favor ou em favor de outras?

Diariamente vê-se casos de mulheres brutalmente assassinadas, assediadas e desmoralizadas pelos homens, e o que fez o ‘empoderamento’? Nada! Fazendo uma rápida referência a figurinista (Susllem Tonani) da rede globo que, segundo ela, foi assediada pelo, na época, vilão da casa (José Mayer), a mesma desistiu de prosseguir com a denúncia; o “*mexeu com uma, mexeu com todas*” ficou fragilizado. Seria então o ‘empoderamento’ a arma certa para o bom combate contra o machismo ou a munição adequada para o feminismo?

(...)

Por isso, creio que o maior inimigo do feminismo ou do seu ‘empoderamento’, não seja o homem nem a falta de leis protetivas e sim, elas mesmas. Mulheres que não se unem para defenderem seus próprios direitos e interesses; mulheres que batem na amante dos seus respectivos maridos e ficam com os mesmos; mulheres que abortam porque não chamam os pais dos seus filhos à responsabilidade; mulheres que não deliberam no Senado políticas públicas porque a bancada é masculina; mulheres que não falam com mulheres porque não gostam delas; mulheres que não brigam pelas outras porque não tem nada a ver com isso. Sabe quem perde? As mulheres!

Fonte: SILVA, D. *O empoderamento feminino e o seu vilão inverso*. Jusbrasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-empoderamento-feminino-e-o-seu-vilao-inverso/469082291>>. Acesso em: 15 jul. 2024. (Adaptado)

## Empoderamento feminino' é clichê constrangedor, diz Washington Olivetto.

Em entrevista à BBC Brasil, o publicitário Washington Olivetto criticou o chamado "politicamente correto" e disse que a maior parte das causas sociais tem "um componente de oportunismo". Olivetto também chamou o empoderamento feminino de "clichê constrangedor" e comparou mulheres a Porsches. Segue parte da entrevista:

### BBC Brasil - Na sua opinião, quando se fala sobre empoderamento feminino e não se mostra o que é, a mensagem fica mais pobre?

**Olivetto** - Exatamente. É que as pessoas não têm a cultura disso. As meninas que falam sobre empoderamento feminino precisariam saber uma história curiosa. No ano em que comecei a trabalhar, existia nos Estados Unidos um cigarro chamado Eve, um cigarro para mulheres. Foi um sucesso. Anos depois, a Souza Cruz resolveu lançar um cigarro para mulheres chamado Charm. Quem fez a primeira campanha foi o José Zaragoza. Ele fez uma campanha brilhante que dizia 'No Brasil, toda mulher tem Charm'. Tinha um outdoor que tinha desde a Leila Diniz, o tesão do planeta da época, até a Clementina de Jesus, sambista negra maravilhosa. Charm foi lançado e foi um fracasso. Por quê? As mulheres acharam que era um cigarro para mulherzinha. Elas queriam fumar cigarros que nem de homem: empoderamento feminino.

Fui trabalhar na agência e tivemos que mudar a campanha. Ficou: "no Brasil, toda mulher tem Charm, só deixa de fumar se você gostar muito dele", e botamos um homem junto. Salvamos o Charm. Depois pusemos "o importante é ter Charm", que era genérico. Tem que ter bom senso. Acho que a vida, cada vez mais, é um gesto atrelado ao bom senso.

É uma história aparentemente machista e que, no entanto, poderia ser feita, seria eficiente, encantaria os homens, que seria o público, e não desagradaria as mulheres. É a ideia de um monólogo do 'Por que Porsche é melhor do que mulher que, diga-se de passagem, é excelente'.

O target do Porsche é 100% dos homens. Mas por que Porsche 'é melhor do que mulher que, diga-se de passagem, é excelente'? É como um teorema, há uma comprovação.

A primeira prova é que, se você tem um Porsche, que é muito bom, e você tem dinheiro para comprar mais um, você compra, e o Porsche que você já tem não fica aborrecido. Já (se) você tem uma mulher que, diga-se de passagem é excelente, e fica com vontade de ter mais uma mulher, você vai ter um problema. É a primeira prova da superioridade do Porsche.

A segunda prova é mais dramática. O sujeito tem um Porsche e resolve que não quer mais ter aquele Porsche. Ele vende o Porsche e ganha o dinheiro. Já (se) ele tem uma mulher que, diga-se de passagem é excelente, e resolve que não quer mais ter aquela mulher, ele perde o dinheiro.

A terceira prova é a mais dramática de todas. Quantos homens você conhece que têm um Porsche? Pouquíssimos. Quantos você conhece que têm mulher? Um monte. No entanto, todos os que têm Porsche têm mulher e nem todos os que têm mulher têm Porsche.

A história é essa e claro que as pessoas riem. Só que uma história dessa você teria que complementar no público feminino. Você faz o quê? Você contou isso nos cinemas, que seria o público do Porsche, e nas revistas femininas você faz o anúncio do Porsche conversível, com uma linda mulher de cabelos esvoaçantes e o título "um homem realmente interessante te dá de presente um secador de cabelos como esse". (...)

Fontes: FAGUNDEZ, I. 'Empoderamento feminino' é clichê constrangedor, diz Washington Olivetto. BBC Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40664072>>. Acesso em: 15 jul. 2024. | GAZETA DO POVO. Em entrevista, Washington Olivetto compara mulher a Porsche. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/em-entrevista-washington-olivetto-compara-mulher-a-porsche-2u2ldhsuerfoqh8t6qk0pmdww/>>. Acesso em: 15 jul. 2024. (Adaptado)

A partir das informações trazidas pelos textos de apoio e das suas reflexões, produza um **Artigo de Opinião** sobre o tema: **Igualdade de gênero: empoderamento social e econômico feminino**. Seu texto deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, incluindo o título. Faça uso da norma-padrão da língua portuguesa.

→ **RASCUNHO** ←

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

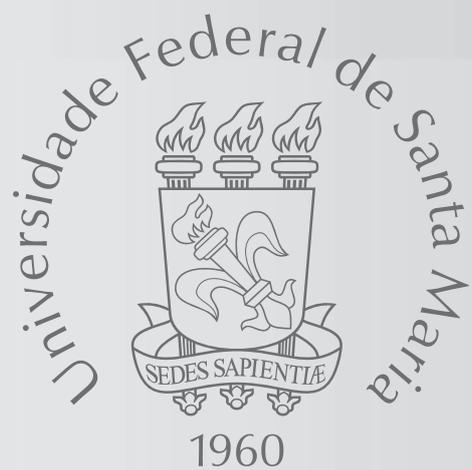
28

29

30

**Anotações**

UFSM



[www.ufsm.br](http://www.ufsm.br)